



Viriditas de Hildegarda de Bingen: conceito integrador do corpo e do espírito

Maria Cristina Martins¹
Edla Eggert²

Resumo: O termo viriditas, que se traduz como "verdor", permeia todas as obras de Hildegarda de Bingen e continua a gerar debates e interpretações diversas até os dias atuais. Este termo não se limita apenas às suas obras teológicas, mas também está presente em seus tratados de ciências naturais. Portanto, o objetivo deste artigo é explorar os diferentes contextos em que o termo viriditas é empregado. Isso inclui obras dedicadas à medicina monástica, que se baseia principalmente no uso de plantas, bem como outras obras de natureza mística e teológica da santa. Pretendemos compreender alguns aspectos dessa integração entre o ser humano e Deus, entre o material e o espiritual, conforme delineado pela visão de Hildegarda, que enfatizava esse equilíbrio e o representava pela viriditas.

Abstract: The term viriditas, which translates to "greenness," permeates all of Hildegard of Bingen's works and continues to spark debates and diverse interpretations to this day. This term extends beyond her theological works, also appearing in her treatises on natural sciences. Therefore, the aim of this article is to explore the various contexts in which the term viriditas is employed. This includes works dedicated to monastic medicine, which primarily relies on the use of plants, as well as other mystical and theological works by the saint. We intend to grasp certain aspects of this integration between human beings and God, between the material and the spiritual, as outlined by Hildegard's vision, which emphasized this balance and symbolized it through viriditas.

Palavras-chave: Hildegarda de Bingen; viriditas; Idade Média; Cristianismo.

Keywords: Hildegard of Bingen; Viriditas; Middle Ages; Christianity.

¹ Doutora em Linguística - UNICAMP; Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Setor de Latim - UFRGS e do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas- UFRJ.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5386443181433182>

E-mail: cristina.martins@ufrgs.br

² Doutora em Teologia; docente na Escola de Humanidades - PUCRS e no Programa de Pós-Graduação em Teologia e em Educação - PUCRS, bolsista CNPq 1 B

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8360909218928418>

E-mail: edla.eggert@gmail.com





1. Introdução

O nome da célebre abadessa alemã Hildegarda de Bingen (1098-1179) está gradualmente ganhando destaque no Brasil³. Com grande entusiasmo, sua obra intelectual, que abrange várias áreas do conhecimento – teologia, ciências naturais, música e literatura (língua, poesia e drama teatral) –, não apenas se tornou objeto de estudo acadêmico, mas também está sendo amplamente difundida através das mídias sociais.

Existem principalmente duas razões pelas quais muitos se dedicam a promover a contribuição dessa religiosa beneditina do século XII: uma delas reside no uso de recursos naturais para a cura e prevenção de doenças; a outra está relacionada à sua religiosidade mística, mas também prática, que se assemelha a uma psicologia cristã (STREHLOW, 2002; DUMOULIN, 2012).

Conhecida como a "Sibila do Reno" devido aos seus poderes místicos e proféticos, Hildegarda empregava vegetais, minerais e pedras, além de música, meditação e oração, como métodos medicinais. Hoje, tais práticas são reconhecidas como parte da "medicina natural", da "naturopatia" e da "terapia holística".

Percebe-se a relevância contínua dos ensinamentos de Hildegarda, pois ela enfatizava a importância de cuidar não apenas do corpo, mas também da mente e do espírito para alcançar uma vida equilibrada. Suas obras teológicas propõem uma reconciliação com o plano divino, agindo como remédios espirituais. Nessa perspectiva, buscam corrigir os comportamentos viciosos que afastam os seres humanos de uma vida que poderia ser perfeita, se estivessem em comunhão com Deus. A leitura das obras de Hildegarda inspira uma reflexão profunda e um chamado ao desenvolvimento da força interior por meio da espiritualidade. De fato, Hildegarda propõe uma concepção do ser humano composto por corpo, mente, alma e espírito, formando uma única identidade.

As obras proféticas de Santa Hildegarda, plenas de simbologia, ao estilo de Isaías e Ezequiel, são as mais estudadas e traduzidas no mundo inteiro. Elas formam uma

³ As publicações em língua portuguesa, no Brasil, das obras de Bingen ainda são escassas. Temos uma tradução indireta, feita do inglês para o português, do primeiro livro das visões da abadessa: *Scivias*. Essa edição foi publicada pela editora Paulus e possui uma introdução de Barbara Newman (2015), que discorre sobre dados biográficos e aspectos teológicos da abadessa. Temos ainda a tradução do livro francês da historiadora Régine Pernoud (1996) e, mais recentemente, artigos (2019, 2020, 2022) e dois capítulos de livros (2022) de Maria Cristina Martins, além de um verbete sobre Hildegarda de Bingen, publicado por Martins; Eggert (2022), no Blog de Ciência da UNICAMP (Mulheres na Filosofia). Esse verbete, além de apresentar um pouco da vida e obra de Hildegarda de Bingen, com alguma contextualização histórica, procura elencar os artigos e publicações realizados no Brasil, além de teses e dissertações até aquela data.





trilogia, sendo a primeira (1151) *Sciuias* (*Scito uias Domini* “Conhece os caminhos do Senhor”), a segunda (1163) *Liber uitae meritorum* (“Livro dos méritos da vida”), e a terceira (1174) *Liber operum diuinorum* (“Livro das obras divinas”). O “Livro das obras divinas” é considerado a sua obra-prima no campo teológico e místico (GORCEIX, 1982; DUMOULIN, 2012, 2014; VANNIER, 2015).

Esses três livros apresentam uma progressão significativa: *Scivias*, ditado pela Luz Divina entre 1141 e 1150, como todas as suas obras, serve como um vasto catecismo que estabelece os fundamentos e os caminhos para uma vida cristã autêntica. Nele, Hildegarda revela as influências positivas ou negativas da alma sobre o corpo, dependendo do grau de sua consciência, atividade psíquica ou pensamento. Dessa forma, destaca como uma consciência leve favorece uma boa saúde e como os vícios de pensamento, ao contrário, sobrecarregam o corpo e causam doenças. Sua vasta obra gira em torno dessa visão de ser humano integral, que requer cuidados em todos esses aspectos que compõem sua constituição.

O *Liber Vitae Meritorum*, segundo componente do tríptico visionário de Hildegarda, funciona como uma espécie de guia de psicologia cristã, porque ensina a discernir quais são os vícios de comportamento (trinta e cinco, segundo Hildegarda), com o objetivo de transformá-los em suas virtudes correspondentes (DUMOULIN, 2012; STREHLOW, 2002). Essa temática é retomada no drama litúrgico *Ordo Virtutum* ("A Ordem das Virtudes"), em que as Virtudes e a Alma são personificadas e interagem em uma dramatização que aborda questões morais e espirituais. O enredo gira em torno da Alma sendo tentada e, eventualmente, redimida pelas Virtudes, representando a luta entre o bem e o mal, a virtude e o pecado.

Por sua vez, o último livro de visões, o *Liber divinorum operum* é considerado a obra-prima de Hildegarda, concluída aos seus setenta e cinco anos, em 1173. Essa obra situa o ser humano dentro do contexto do universo, levando o leitor a questionar como o universo foi concebido e por que o homem é tão importante no plano de Deus. Algumas frases notáveis desse livro incluem: "O homem é a conclusão das maravilhas de Deus (...); ainda que seja pequeno pelas dimensões de seu corpo, ele é imenso pelas dimensões de sua alma; (...) nele se reflete, como numa gota d'água, toda a beleza do universo" (apud DUMOULIN, 2012: 43).

A palavra *viriditas*, que significa "verdor", permeia todas as obras de Hildegarda de Bingen e continua a suscitar debates e interpretações diversas até os dias de hoje. Esse termo não se limita apenas às suas obras teológicas, mas também está presente em seus tratados de ciências naturais. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é explorar os





diferentes contextos em que o termo *viriditas* é empregado. Isso inclui obras dedicadas à medicina monástica, que se baseia principalmente no uso de plantas, bem como outras obras de natureza mística e teológica da santa. Pretendemos compreender alguns aspectos dessa integração entre o ser humano e Deus, entre o material e o espiritual, conforme delineado pela visão de Hildegarda, que enfatizava esse equilíbrio e o representava pela *viriditas*.

2. Breve história do termo *viriditas*

Etimologicamente, o termo *viriditas* está relacionado ao verbo *virido*, que significa "tornar verde", de maneira similar ao adjetivo "verde" - *viridis*. Tal palavra já estava presente no latim clássico, tanto denotando a ideia concreta de "verdura" e "objeto verde", quanto figurativamente, representando "vigor" e "verdor". Podemos ver em Cícero exemplos dessas acepções, em *De Senectute* ("Sobre a Velhice") e *Tusculanae Disputationes* ("Discussões Tusculanas").

Em *De Senectute* 57, ele indaga: "O que direi sobre a **verdura** dos prados ou sobre os ordenamentos das árvores ou ainda sobre a beleza física das vinhas e das oliveiras?" (*Quid de pratorum viriditate aut arborum ordinibus aut vinearum olivetorumve specie plura dicam?*) E, em *Tusculanae Disputationes*, 3,75, ele discute: "Mas durante o tempo em que aquela força (sc. a dor) estiver presente no mal presumido, desde que seja vigorosa e mantenha algum **verdor**..." (sc. *aegritudo*) *sed quam diu in illo opinato malo vis quaedam insit, ut vigeat et habeat quandam viriditatem (...)*.

Na Idade Média, o Papa Gregório Magno (morto em 604) foi o primeiro autor a usar o termo *viriditas*, na obra *Moralia in Iob* (Jones (2012)). O livro de Jó acompanha a trajetória de um homem justo e fiel sobre quem Deus permitiu que Satanás infligisse sofrimento físico e privação de seus bens e família, para testar sua obediência. A partir do capítulo 38, Deus responde aos gritos de lamentação de Jó, afirmando Sua soberania sobre o universo, o tempo, a redenção e a criação. Gregório ao comentar aspectos morais do Livro de Jó faz uso frequente de *viriditas*. Nesses comentários, além de outras coisas, são contrastadas uma terra desolada e uma terra verde, estruturando sua discussão em torno da história da salvação, da qual a vinda de Cristo é o evento crucial. A terra verde está ligada à palavra *viriditas*, que metaforicamente também está relacionada à Igreja redentora (JONES, 2012: 3).





Albert Derolez e Peter Dronke (1996, xvi-xvii), na edição que elaboraram do *Liber Divinorum Operum*, associam passagens do trabalho de Hildegarda a outros autores que ela mesma não mencionou. Do mesmo modo, Victoria Cirlot (2012) afirma, assim como eles, que Filastrius (bispo de Bréscia, morto em 397), Ambrósio (bispo de Milão, c.340-397), João Escoto Erígena (filósofo neoplatônico e teólogo, c.800-c.877, Pseudo-Alcuíno (? - Alcuíno, bispo de York, 730-804), Pedro Damiano (monge beneditino, 1007-1072) e Hugo de São Vítor (filósofo e teólogo, 1096-1141) podem ter sido consultados por Hildegarda, porque fizeram uso do termo *viriditas*, ainda que isoladamente.

Conforme aponta Newman (2005), a suma teológica “Os sacramentos da Fé Vristã”, de Hugo de São Vítor, escrito apenas uma década antes de Hildegarda, apresenta enormes semelhanças com *Scivias*. As vinte e seis visões de *Scivias* lidam com assuntos intimamente aparentados às trinta seções da suma de Hugo. Segundo Newman, “se Hildegarda tivesse sido um teólogo do sexo masculino, seu *Scivias* indubitavelmente teria sido considerado uma das mais importantes sumas medievais” (2005:28).

3. *Viriditas* na obra de Hildegarda

Tanto nas obras teológicas quanto nas medicinais, *viriditas* liga-se à possibilidade desejável e possivelmente alcançável do equilíbrio entre corpo, mente e espírito, quando integrados harmoniosamente com Deus. Para o homem restabelecer sua energia vital é necessário curar a alma ao mesmo tempo do que o corpo, para fortalecer o despertar do espírito (DUMOULIN, 2021: 60).

Hildegarda segue o pensamento filosófico medieval dominante, que admitia uma unidade entre corpo, mente e espírito.

Uma pessoa tem, dentro de si mesma, três veredas. Quais são elas? A alma, o corpo e os sentidos; e toda a vida humana é conduzida nestas. Como? A alma vivifica o corpo e veicula o sopro de vida aos sentidos; o corpo atrai a alma para si mesmo e abre os sentidos; e os sentidos tocam a alma e atraem o corpo. De fato, a alma dá vida ao corpo como o fogo dá luz à escuridão, com dois poderes principais, como dois braços, intelecto e vontade; a alma tem braços não tanto para mover a si mesma, mas para mostrar-se nesses poderes como o sol se mostra por seu esplendor. Portanto, ó humano, que não és apenas um feixe de medula, presta atenção ao conhecimento das Escrituras.” (*Scivias*, 2015, p. 179).

Na verdade, a concepção do ser humano constituído por corpo, mente e espírito encontra-se em passagens da Bíblia, como na carta do apóstolo Paulo em 1,





Tessalonicenses, 5, 23: “Que todo o vosso espírito, toda a vossa alma e corpo se conservem sem mancha para a vinda do Nosso Senhor Jesus Cristo”⁴.

O ser humano possui potencial para viver com saúde e alegria pois, em si, carrega uma essência divina (*viriditas*), que lhe é fornecida por Deus. Para Schuback (2021: 21), o termo assume importância ontológica e metafísica.

A primeira obra de seu tríptico visionário, *Scivias*, é composta de três partes, tradicionalmente denominadas de livros. Cada um desses livros, estruturados, respectivamente, pelos temas da criação, redenção e salvação, é ilustrado por notáveis iluminuras, que sintetizam suas visões. Embora essas pinturas não tenham sido realizadas por Hildegarda, pois não há nenhuma referência a isso na *Vita*⁵, acredita-se que tenham sido supervisionadas por ela, uma vez que *Scivias* faz parte do mais antigo manuscrito, elaborado enquanto a abadessa ainda era viva, por volta de 1165, em Rupertsberg.

Em *Scivias*, há trinta e cinco iluminuras, que representam e explicam simbolicamente suas visões: seis no Livro I, sete no Livro II e treze no Livro III. No interior dessas seções (livros), cada visão se conclui com uma espécie de refrão, que varia segundo o livro. Para as visões da primeira seção, a frase é: “De novo eu ouvi a voz do céu que falava”; para aquelas da segunda é “e ouvia uma voz, vindo das alturas celestes que me falava; e, para as da terceira, “ e eu entendia que aquela luz, sentada no trono, estava falando comigo”.

Em cada uma das três partes de *Scivias* com suas respectivas visões, há ainda subseções detalhando ordenadamente os significados do que foi "visto", com perguntas como "o que significa isto?" ou “de que modo isto acontece?”

É possível afirmar que em suas obras teológicas, tanto no *Scivias*, quanto nos que se seguiram – o "Livro dos Méritos da vida" e no "Livro das Obras Divinas" – que há descrições e explicações das relações de elementos do universo e a influência deles no corpo e na alma humanas. Encontramos em seus textos a "(...) consideración del valor de la vida - de toda la vida- y su defensa", nas palavras de Azucena Fraboschi (2012: 155).

Na descrição da visão 4, Hildegarda afirma que "a alma flui através do corpo como seiva pela árvore" (*Scivias*, 2015: 184).

⁴ BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis: Vozes, 1985:1403.

⁵ A obra *Vita Sanctae Hildegardis* – normalmente referida como *Vita*, palavra pela qual se denominavam as biografias – é a principal fonte biográfica de Santa Hildegarda. Foi escrita por dois monges, Godofredo de Disibodenberg e Teodorico de Echternach, entre 1173 e 1175, enquanto Hildegarda ainda estava viva. Godofredo escreveu o Livro I dessa obra, e Teodorico de Echternach assumiu a tarefa de terminá-la, concluindo-a em 1190, após a morte de Hildegarda e de Godofredo (PAZ, 1999).





A alma no corpo é como a seiva em uma árvore, e os poderes da alma são como a forma da árvore. Como? O intelecto na alma é como o verdor dos galhos e das folhas da árvore, a vontade é como suas flores, a mente como seu irromper das primícias, a razão é como o fruto maduro aperfeiçoado, e os sentidos como seu tamanho e forma.

E assim, o corpo de uma pessoa é fortalecido e sustentado pela alma. Consequentemente, ó humano, compreende o que és na alma, tu que deitas fora teu bom intelecto e tentas assemelhar-se aos animais.

Viriditas está igualmente presente em diversos hinos, sequências, antífonas e responsórios que compõem a obra *Symphonia harmonie celestium revelationum* “Sinfonia das harmonias das revelações terrestres”, assim como em seu drama teatral *Ordo Virtutum* “A ordem das virtudes” (BINGEN, 2014; 2018)⁶.

Na sequência *De Spiritu Sancto*, somos informados que “a terra exala **verdor**”- *terra viriditatem sudat* – e que, no responsório *De Sancto Iohanne Evangelista*, João Evangelista, junto com seus predecessores, fez crescer a chuva que contribui para o verdor das cores das plantas - *Tu enim auxisti pluviam cum precessoribus tuis, qui miserunt illam in viriditatem pigmentariorum* “Tu, de fato, ampliaste a chuva, com teus predecessores, a qual enviaram para o **verdor** das plantas”. Já no responsório da antífona *De Sancto Disibodo* “Sobre o Santo Disibodo”, patrono do convento misto onde Hildegarda iniciou sua vida monástica, ele é o **verdor** do dedo de Deus: *O viriditas digiti Dei, in qua Deus constituit plantationem, que in excelso resplendet ut statua columna* “Ó verdor do dedo de Deus, através do qual Deus estabeleceu sua plantação, que brilha nas alturas, como uma coluna elevada”.

Por fim, porém sem esgotar a exemplificação através dos hinos e louvores de Hildegarda, no responsório *De Virginibus*, *viriditas* está associado às virgens (*Symphonia*, nº65; *Scivias* III.13.7b):

O nobilissima viriditas, que radicas in sole, et que in candida
serenitate lucet in rota, quam nulla terrena excellentia
comprehendit.

Tu circumdata es amplexibus divinatorum mysteriorum.

Ó mais nobre verdor que enraízas no sol, em cândida serenidade resplandesces
na roda a qual nenhuma grandeza terrena se prende

Tu estás rodeada pelos abraços dos divinos mistérios.

⁶ Há uma edição bilíngue – latim-galego – dessa peça dramática, em que o autor prefere traduzir *Ordo virtutum* como “O desfile das virtudes” (PAZ, 1999). Departamento de Filoloxías Francesa e Galego-

Portuguesa da Universidade da Coruña, 1999.





Esses foram alguns exemplos do termo *viriditas* extraídos de seus textos, hinos e louvores. Neles se faz presente a linguagem poética, metafórica e simbólica. Como tal, não é possível uma interpretação única.

Às vezes, o termo nem aparece por escrito, mas é interpretado como se estivesse presente, por exemplo, na interpretação de suas visões representadas por iluminuras bastante complexas.

Com efeito, as iluminuras sintetizam as visões e a concepção teológica de Hildegarda: trinta e cinco delas estão presentes em *Scivias* e sete em *Liber Divinorum Operum*. Observa-se nessas iluminuras que o divino e o humano estão intimamente entrelaçados. O que ocorre no plano celestial é representado também no plano terreno, em uma correspondência entre o que está em cima (macrocosmo) e o que está embaixo (o microcosmo). Trata-se de uma visão filosófico-teológica associada à alquimia, muito presente em toda a Idade Média. Nessa união entre o divino e o humano, segundo Hildegarda de Bingen, opera um elemento proporcionado por Deus: a *viriditas*.

Há um aspecto notável em Hildegarda que merece destaque: a postura revigorante que ela exibia desde os primórdios de sua jornada no convento de Disibodenberg. Sua maneira de seguir os desígnios que ela atribuía ao Todo-Poderoso contrastava com sua saúde frágil, que ela própria declarava ter⁷. Parece que ela revitalizava suas forças espirituais e físicas diante dos desafios que se apresentavam. Sua vitalidade (ou "viriditas") era fortalecida enquanto desempenhava as diversas atividades que considerava sua missão: liderar seus mosteiros, aconselhar poderosos, escrever livros e cartas, além de pregar junto a comunidades influentes. Hildegarda de Bingen foi a única mulher de seu tempo a receber permissão para pregar em público, um feito digno de nota. Merece destaque o filme de Margarethe Von Trotta, que apresenta de forma muito sensível, através da interpretação brilhante da atriz Barbara Sukowa, aspectos da trajetória da vida de Hildegarda.

4. *Viriditas* nas obras científicas *Physica* e *Causae et Curae*

A obra científica de Hildegarda de Bingen está contida em dois tratados, conhecidos atualmente sob os títulos que lhes foram dados pelos seus primeiros editores:

⁷ “E eu, pobrezinha figura feminina, e inculta no magistério humano” (et ego paupercula feminea forma et humano magisterio indocta”) (MIGNE, Patrologia latina 197, coluna 1055)).





Physica “Física” ou “Ciências Naturais”) e *Beatae Hildegardis causae et curae* (“As causas e as curas <das doenças> da Beata Hildegarda”) ou simplesmente *Causae et curae* (“As causas e as curas”).

Physica foi escrito entre 1150 e 1158. e compõe-se de nove livros (*Libri Novem*), cuja sequência é esta: *De Plantis*, *De Elementis*, *De Arboribus*, *De Lapidibus*, *De Piscibus*, *De Avibus*, *De Animalibus*, *De Reptilibus*, *De Metallibus* (“Plantas”, “Elementos”, “Árvores”, “Pedras”, “Peixes”, “Aves”, “Animais”, “Répteis”, “Metais”). Cada livro, à exceção do segundo, é precedido por um prefácio, no qual é apresentada uma síntese do elemento ou da criatura do mundo natural (vegetal, animal ou mineral) que será descrita no livro em questão. Os livros, por sua vez, são divididos em capítulos de tamanho variado, onde são indicadas as aplicações dos elementos naturais para o homem tratar alguma doença, restabelecer a saúde, se nutrir ou se vestir, aliviar o sofrimento dos animais doentes, etc.

Hildegarda explica, o Prólogo do livro *Physica*, que o “verdor” – *viriditas* – anima o ser humano, as plantas, os animais, as pedras e os minerais. Ou seja, o termo pode ser interpretado como a própria natureza e também como Deus ou a essência de Deus, que está presente em tudo o que existe.

Embora nas obras *Physica* e *Causae et curae*, seus tratados de ciências naturais, predominem um texto “mais científico” e menos teológico, no prefácio de *Physica*, Hildegarda afirma que as plantas úteis ao consumo humano se ligam a Deus, ao passo que as impróprias para o consumo humano têm natureza diabólica e prejudicial. Com essas afirmações, torna-se evidente a ligação entre o espírito e a matéria, além do enlace entre teologia e medicina. Para se adequar à queda de Adão do Paraíso, há ervas boas e ruins.

Hildegarda afirma que todos os seres humanos tornam-se aquilo que comem, pois as plantas e os animais possuem propriedades benéficas ou prejudiciais conforme a natureza de sua *viriditas*⁸. Estabelece-se, assim, uma cadeia, porque os animais comem as plantas, e os seres humanos alimentam-se de ambos. *Viriditas* faz parte da natureza como um todo e em *Physica* aparece também como um elemento na descrição das pedras, dos animais e dos répteis.

In creatione hominis de terra alia terra sumpta est, que homo est, et omnia elementa ei seruiabant, quia eum uiuere sentiebant, et obuiam omnibus conuersationibus eius cum illo operabantur et ipse cum illis.

⁸ O texto latino provém da edição crítica de Müller; Schulze (2016), estabelecida pelo manuscrito de Florença (Aug. 1323).





Et terra dabat **uiriditatem** suam secundum genus et naturam et mores et omnem circuitionem hominis. Terra enim cum utilibus herbis ostendit circuitionem hominis spiritalium morum hominis eos discernendo. Sed cum inutilibus herbis demonstrat inutiles et dyabolicos mores hominis (Prólogo, *Physica*, p.X).

“Na criação do homem a partir da terra, outra terra foi tomada, que é o homem. Todos os elementos a ele serviam, porque o sentiam viver e cooperavam com ele, e ele com aqueles, diante de toda a intimidade <que se criou entre eles>. E a terra fornecia o seu **verdor** conforme a raça, a natureza, os costumes e todo o entorno do homem. De fato, a terra, com as plantas úteis, manifesta o panorama dos costumes espirituais do homem, discernindo-os. Mas, com as ervas inúteis, demonstra os costumes inúteis e diabólicos do homem”.

Como se vê, a terra apresenta ervas úteis ao consumo, que se ligam à espiritualidade humana e a Deus, enquanto as ervas impróprias para o consumo são prejudiciais e têm natureza diabólica.

O mundo vegetal é também o lugar onde se confrontam as forças do bem e do mal, e é com a imagem de uma natureza maniqueísta que Hildegarda encerra o prólogo do Livro de Plantas (Livro I de *Physica*), com as ervas "possuindo a virtude dos aromas mais poderosos, a aspereza dos aromas mais amargos". Essa qualidade amarga permite combater muitos males causados pelos espíritos malignos, que a detestam. Porém, há também ervas que contêm dentro delas "a espuma dos elementos", através das quais os homens desiludidos tentam encontrar sua sorte. Essas o diabo ama e se mistura com elas.

Et quedam herbe uirtutem⁹ fortissimorum aromatum, id est austeritatem amarissimorum aromatum, in se habent, unde et plurima mala compescunt, quoniam maligni spiritus hac fugiunt et in indignatione habent. Sed et quedam herbe sunt, que uelud spumam elementorum in se habent, et in quibus homines decepti fortuita sua querere conantur; et has dyabolus amat, et se his admiscet.

Algumas plantas possuem a força de substâncias aromáticas muito amargas, das quais derivam muitos males, porque os espíritos malignos as evitam e as detestam. No entanto, algumas plantas contêm como que uma espuma dos elementos e nelas os homens, enganados por sua sorte, tentam procurar; o diabo gosta delas e se mistura com elas.

Uma das plantas que afugenta o diabo e as energias ruins é a samambaia, embora não seja descrita como amarga. No capítulo 47 (*Farn, id est, filix*)¹⁰ do Livro de Plantas, lê-se o seguinte:

Farn ualde calida est et arida et modicum de succo in se habet, sed multam uirtutem in se habet, et talem scilicet uirtutem, quod dyabolus ipsam fugit, et calor eius uirtutem suam de calore solis habet, et etiam uirtutes quasdam tenet, que uirtuti solis assimilantur, quia ut sol obscura illuminat, sic ipsa fantasias

⁹ O substantivo *virtus* assume várias traduções possíveis. Embora, etimologicamente, *virtus* (“virtude”) esteja ligada à força própria do varão (*vir*), pode ser traduzida também por “vigor”, “poder”, “valor”, “energia” e “qualidade”, dependendo da planta e do contexto em questão.

¹⁰ *Farn* designa “samambaia” no alemão-alto-médio (a língua materna de Hildegarda); *filix* é a palavra latina.





fugat, et ideo maligni spiritus eam dedignantur.

A samambaia (*farn*) é uma planta muito quente e seca, embora tenha pouco suco. No entanto, ela possui muitas virtudes, tais como a capacidade de afugentar o diabo. Seu calor é uma força que se assemelha à do sol, e algumas de suas virtudes se assemelham às do sol, pois, assim como o sol afasta a escuridão, a *farn* afasta as ilusões e fantasias, o que faz com que os espíritos malignos a evitem.

Hildegarda retorna à temática entre o bem e o mal, como se lê ainda no capítulo da samambaia:

Et sicut homo bonam et malam scientiam habet, ita etiam et bone et male herbe create sunt ad hominem, succus autem farn positus est ad sapientiam, et in honestate nature est in significatione boni et sanctitatis, et ideo omnia mala et magica eam fugiunt et deuitant.

Da mesma forma que o homem possui conhecimento do que é bom e mau, as ervas também foram criadas para o benefício e malefício do homem. O suco da samambaia, por exemplo, foi destinado à sabedoria e à retidão da natureza, simbolizando o bem e a santidade. Portanto, todas as coisas más e mágicas fogem e evitam essa planta.

Algumas plantas, mesmo impróprias para a ingestão humana, são úteis para tratamentos tópicos, como a lentilha. As lentilhas não têm forças ou boas qualidades nutritivas, apenas enchem o estômago. Porém, podem ser empregadas para a sarna e úlceras. O milhete é ainda pior do que a lentilha, porque desequilibra os humores, mas misturado com centopeia é bom para o pulmão.

A seguir, o pequeno capítulo sobre a lentilha, seguido do capítulo do milhete.

Lens (“Livro de Plantas”, Cap. VIII, *Physica*)

Lens frigida est, et comesta nec medullam hominis nec sanguinem nec carnem eius auget nec uires ei tribuit, sed tantum inanitatem uentris implet, ac infirmos humores ad procellam in hominibus excitat.

Si enim macule scabiei et immundi [gl: contra maculas scabiei et immundos crines] crines, qui radicem ulcerum in se habent, in capite hominis crescunt, lentem super ignitum lapidem leniter in puluerem redigat, et concham testudinis cum liuore, qui in eo est, in puluerem redigat, et equo pondere pulueris lentis addat et super maculas ponat; et liuorem eiusdem doloris abstergit, et sic sanabitur.

Lentilha

A lentilha é fria, e, quando comida, não aumenta nem a medula do homem, nem o sangue, nem o corpo dele, nem atribui forças a ele, mas enche enormemente o vazio do ventre; excita os humores fracos à perturbação nos homens.

Se <alguém> tem manchas de sarna e cabelos imundos [gl: contra manchas de sarna e cabelos imundos] que possuem em si raízes ulcerosas que crescem na cabeça do homem, deposite lentilha sobre uma pedra quente e lentamente a <transforme> em pó. Junte pó de casco de tartaruga com o muco que está <no casco>, e adicione, em igual peso, pó de lentilha, e ponha sobre as manchas. <Isso> absorverá a secreção dessa ferida, e assim <ele> será curado.

Hirse / Miliun (“Livro de Plantas”, Cap. XI, *Physica*)





Hirse frigidum est et modicum calidum, nec utile ad comedendum est, quia nec sanguinem nec carnem auget in homine nec uires ei tribuit, sed tantum modo uentrem implet, et tantum famem in eo minuit, quia gustum refocillationis non habet, sed et cerebrum hominis aquosum facit, et stomachum eius tepidum ac tardum parat et humoribus, qui in homine sunt, procellam incutit, et est fere ut uncrui, nec sanum homini ad comedendum.

Sed qui in pulmone dolet, mi- [gl: contra pulmonem] lium super ignito lapide calefactum puluerizet et huic bis tantum de puluere scolopendrie ad- [gl: nota de scolopendria, id est hirtzeszunge] dat et eum cum bucella panis tam ieiunus quam pransus sepe comedat et sanabitur, quia acerbitas scolopendrie putredinem pulmonis aufert et puluis milij puluerem scolopendrie mitigat, ne pulmonem ledat.

IX - Milhete

O milhete (hirse) é frio e moderadamente quente. Não é útil para comer, porque não aumenta nem o sangue nem o corpo da pessoa, e não contribui para as suas forças. [Mas] somente enche o estômago e diminui tanto a fome nele porque não tem gosto <de comida> de restauração. Também faz <ficar> aquoso o cérebro. Torna o estômago morno e lerdo, e os humores que estão na pessoa agitam-se como uma tempestade. É quase como uma erva daninha (uncruit), e não é saudável para uma pessoa comer.

Mas, aquele a quem dói o pulmão, que reduza a pó o milhete aquecido [gl: contra o pulmão] sobre uma pedra incandescente, e adicione o dobro de pó de centopéia [gl: sinal de centopeia, isto é, hirtzeszunge] e o coma frequentemente com uma bocada de pão, tanto em jejum quanto no almoço e será curado. Pois, a acidez da centopeia retira a podridão dos pulmões, e o milhete em pó abranda a centopeia em pó para que não lesione o pulmão.

De acordo com a Teoria dos Humores, concebida por Hipócrates (460-337 a.C.), sistematizada por Galeno (129-199) e difundida por Oribásio (320-400), Hildegarda diferencia os alimentos que são bons para uma boa disposição do ser humano ou para o tratamento de enfermidades. Segundo essa teoria, todas as substâncias são derivadas dos quatro elementos essenciais: ar, fogo, água e terra, e cada um desses elementos é composto por um conjunto de qualidades primárias: quente, frio, úmido e seco. Assim, estabeleceram-se correspondências entre os elementos e suas qualidades primárias, os humores e seus órgãos físicos relacionados, os temperamentos (sanguíneo, colérico, fleumático ou melancólico) e as estações: 1. ar / quente e úmido / sangue / coração / sanguíneo / primavera; 2. fogo / quente e seco / bÍlis / fÍgado / bilioso (ou colérico) / verão; 3. água / fria e úmida / pituíta / cérebro / linfático (ou fleumático) / inverno; 4. terra / frio e seco / atrabÍlis / baço / melancólico / outono. O médico medieval tentava corrigir a “discrasia” dos pacientes prescrevendo uma dieta e um regime de vida apropriados antes de recorrer a um remédio. Discrasia, termo de origem grega que significa “mau humor”, é a alteração na composição dos humores. A doença era atribuída ao desequilíbrio no nível dos quatro humores básicos do organismo: sangue, bÍlis (amarela), pituíta (muco/fleuma) e atrabÍlis (bÍlis negra). Esses humores variavam de pessoa para pessoa, dependendo também da idade, do sexo, do clima e de outros fatores. A mistura equilibrada dos humores tem a designação de “eucrasia” (MARTINS, 2022).





Podemos observar que a descrição das plantas apresenta em primeiro lugar a sua natureza quente ou fria, seguida muitas vezes do traço seco ou úmido, além da indicação de favorecer ou não os bons humores.

Vimos que a lentilha não surte efeito para uma boa disposição, pois suas forças não são significativas: apenas enchem o estômago. Porém, é muito útil para tratamento tópico.

Além da descrição das plantas como quentes ou frias, secas ou úmidas, um quinto elemento também aparece em algumas delas: a *viriditas*.

Assim, sabemos que a *rutha* “arruda” (Livro de Plantas, Cap. 64) “cresce mais do **verdor** da terra do que do calor” (...) e “que ajuda a regular o excesso de calor no corpo, que é benéfica para pessoas melancólicas (...) e que é melhor e mais eficaz quando comida crua e não em forma de pó”¹¹.

O rabanete (*merredich*¹², *id est raphanum*, Livro de Plantas, Cap. 119) “**revigora** (assim interpretamos *viriditas*) os bons humores das pessoas, mas quando está seco não deve ser consumido, pois perde a energia vital e assim seca o ser humano”¹³.

Sabemos que “lírio” (*lilium*, Livro de Plantas, Cap. 23) “dá alegria, por sua boa **energia**”, ao passo que “a **energia** da salsa (*petroselinum*, Livro de Plantas, Cap. 68) pode causar lentidão nas pessoas, e consumido cru, em vez de cozido. é melhor para a saúde.

O aipo, por sua vez (*apium*, Livro de Plantas, Cap.69), “é quente e quando consumido cozido não prejudica o corpo; na verdade promove humores saudáveis. Não importa como seja ingerido, o aipo causa mente agitada, porque a energia (ou “a natureza”) do aipo é abundante e, de vez em quando, causa instabilidade¹⁴.”

O agrião seco (*nasturtium*, Livro de Plantas, cap.72) é mais quente do que frio, mas também tem umidade, e nasce mais do verdor da terra do que do sol. Além disso, aumenta os maus humores e tem a *viriditas* -“energia” - inútil, prejudicando facilmente o

¹¹ Rutha de forti et plena, id est quecken, **uiriditate** terre magis quam de calore crescit (...) Nam calor ruthe iniustum calorem melancolie attenuat et iniustum frigus melancolie temperat, et ita homo ille, qui melancolicus est, melius habebit, cum eam post alios cibos comedit (...) melior et utilior est cruda quam puluerizata in comestione (*Physica*, Livro de Plantas, Cap. 64. MÜLLER; SCHULZE, 2008:48)

¹² Algumas plantas aparecem com duas denominações, uma no alto-alemão médio e outra em latim, como é o caso dos exemplos *merredich-raphanum* e *ringula-calendula*.

¹³ Merredich, id est raphanum, calidum est et in martio omnes herbe uirescunt. Tunc etiam merredich mollescit, sed tamen per breue tempus, et tunc comesta sanis et fortibus hominibus bona est, quoniam **uiriditatem** bonorum humorum in eis confortat, sed postquam indurescit et fortis in cortice erit, periculosa est ad comedendum, quia **uiriditatem** non habet et hominem aridum facit quemadmodum, si lignum comede (Op.cit., 2008:83).

¹⁴ Apium calidum est eualet homini ad comedendum, quoniam ita malos humores in eo parat, coctum autem non ledit hominem in comestione, sed sanos humores in eo facit. Quocumque modo comedatur, uagam mentem homini inducit, quia **uiriditas** apij eum interdum letum in instabilitate facit.





baço. A calêndula (*ringula*, id est, calendula, Livro de Plantas, Cap. 122), ao contrário, possui uma elevada *viriditas* e pode ser usada inclusive como antídoto de venenos¹⁵.

Selecionamos alguns exemplos do “Livro de Plantas” para mostrar que além da descrição baseada na Teoria dos Humores em relação aos vegetais (quente, frio, seco e úmido), em algumas plantas aparece o termo *viriditas*, como mais um elemento de sua descrição. Vale lembrar que *viriditas* anima tudo o que existe - plantas, pedras, animais minerais e o ser humano.

A concepção das ervas e das plantas de Hildegarda estava ligada a um simbolismo, o qual também estava presente em sua interpretação da criação do universo e expresso em suas obras proféticas. No olhar que Hildegarda lança sobre as plantas, há, antes de mais nada, a preocupação de descobrir em cada elemento vivo o que ele ainda carrega de sua ligação com Deus.

O poder das plantas pode se mostrar tanto útil como inútil, ligando-se às virtudes e aos vícios, tal como se lê no prefácio de *Physica*:

Et terra dabat uiriditatem suam secundum genus et naturam et mores et omnem circuitionem hominis. Terra enim cum utilibus herbis ostendit circuitionem hominis spiritalium morum hominis eos discernendo. Sed cum inutilibus herbis demonstrat inutiles et dyabolicos mores hominis.

A terra fornecia seu verdor de acordo com a raça, a natureza e os costumes do homem. A terra, com ervas úteis, mostra as reviravoltas espirituais do homem, discernindo seus costumes. No entanto, com ervas inúteis, ela demonstrava os modos inúteis e diabólicos do homem.

Depois da queda de Adão do Paraíso, parece coerente que *viriditas* possua graus, pois, mesmo sendo criada por Deus, seus diferentes graus explicam por que há ervas boas e ruins na Terra. A boa ou má *viriditas* afeta o ser humano em todos os níveis.

Vimos anteriormente que a alma está no corpo tal como a seiva está na árvore. O intelecto está na alma assim como o verdor (*viriditas*) está nas folhas e nos ramos das árvores. O desejo é como suas flores; a mente é como a explosão dos primeiros frutos; a razão é como os frutos em perfeita maturidade, e os sentidos são como o tamanho e a forma da fruta. Com o sangue, a *viriditas* se move através das veias humanas e, sem ela, os seres humanos se tornam fracos, cansados e perdem espiritualidade. O sangue é restaurado pela alimentação. Moulinier (2003) afirma que, embora seja conhecido o seu

¹⁵Nasturtium, id est gart carse, magis calidus quam frigidus est et etiam humidus existit, et plus de **uiriditate** terre quam de sole crescit, et comesta malos humores in homine auget, et splen ledit, quia uiriditatem inutilem herbarum in se habet et bonum calorem hominis dissipat ac etiam humiditate sua splenem dolere facit, quoniam illud molle est et facile leditur (o. Ringula, id est calendula, frigida est et humida et fortem **uiriditatem** in se habet, et contra uenenum [gl: toxicum] ualet (Op.cit., 2008:56-57;84-85).





sentido teológico, *viriditas* tem um sentido estritamente naturalista e físico na obra médica de Hildegarda.

Há uma preocupação viva em Hildegarda: desvendar nas sutilezas da vida natural as energias latentes que prometem transformação e alívio ao ser humano, propiciando-lhe um caminho mais próximo a Deus e garantindo-lhe saúde nos âmbitos físico, espiritual e mental. Seu "Livro de Plantas" transcende a mera catalogação botânica, erigindo-se como um compêndio de sabedoria dietética. Com a benevolência de sua intuição para testar empiricamente os elementos da natureza, Hildegarda desvela não apenas os alimentos potencialmente nocivos, mas também os salutares. Ela indica aqueles que aguçam a lucidez do pensamento, como lavanda, aveia e espelta, e os que inspiram alegria. Detalha, ainda, a maneira ideal de consumi-los, seja crus ou cozidos, delineando um roteiro preciso para uma vida nutricionalmente equilibrada.

Por fim, de alguma maneira, Hildegarda adquiriu o conhecimento sutil e subjetivo dos graus de *viriditas*, que, aliás, é uma palavra polissêmica, podendo ser traduzida como “verdor”, “força”, “energia” e “essência de vida”. Essa sutileza alcançada é evidente no título original do tratado que continha em si as obras *Physica* e *Causae et curae: Liber subtilitatum diuersarum naturarum creaturarum* (“Livro das diversas sutilezas das criaturas naturais”).¹⁶

5. Considerações finais

A *viriditas*, como "a bela força vital" (Fraboschi, 2012), nos desafia a pensar em uma Hildegarda que estava em contato com um mundo abrangente: não apenas lidava com a terra, com as ervas, a produção de comida e o cuidado com os outros, mas também se envolvia intelectualmente. Os textos bíblicos, a música, incluindo os hinos, louvores e reclusões meditativas davam a ela subsídios confirmadores da importância do verdor que equilibra e integra todo o ser, pelo fato de Deus estar em toda a criação.

¹⁶ O título do tratado que englobaria as duas obras de ciências naturais de Hildegarda está contido numa carta de Volmar, seu secretário, datada de 1170 (CCCM 91A): *Vbi tunc expositio naturarum diuersarum creaturarum?* (Ep. CXCIV, in : *Hildegardis Bingensis Epistolarium*, II, ed. L. VAN ACKER, Turnhout 1993, p. 443) apud MOULINIER, 2003, p. II).





Hildegarda foi uma mulher multifacetada que demonstrou resiliência e alta capacidade laboral. Com seu pequeno corpo fragilizado desde a tenra idade, tornou-se paradoxalmente forte e resistente a partir de experiências místicas e simultaneamente investigativas na criação dos cuidados de si e dos outros. Embora ela não tenha fundado escola como a de São Bernardo, São Vítor ou ainda a de Eckart, Hildegarda foi por muito tempo lembrada e celebrada como visionária, profetisa e pregadora apocalíptica. Entretanto, foi esquecida como pensadora, teóloga, cientista e compositora (Newman, 2015, p.87).

Tornar-se aquilo que comemos ou deixar-se tomar pelo que sentimos ao ponto de perder o verdor foram observações que a abadessa registrava com detalhes no seu dia a dia, às vezes por meio das atividades na manutenção da vida, e outras vezes, nas atividades frente à liderança espiritual que tomava toda a sua vida.

Retomar o conceito *viriditas* sinaliza um convite para ampliarmos a profunda capacidade argumentativa a partir de temas urgentes da nossa atualidade, que já estavam presentes para essa mulher há mais de novecentos anos. Com base nos indícios desses registros reflexivos da abadessa, concluímos que há uma energia integradora da criação e de recriação, e que ela é de essência verde, não sendo somente um adjetivo de cor, mas que é um verbo chamando para o esverdeamento do mundo, para uma saúde holística não somente dos nossos corpos, mas do nosso meio ambiente em diálogo com a energia vital, *viriditas!*

Referências

BINGEN, Hildegard von; DEROLEZ, A.; DRONKE, P. (ed.). **Liber divinorum operum**, vol. 92, Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis. Turnhout: Brepols, 1996.

BINGEN, Hildegarda de. **Les mérites de la vie**: principes de psychologie chrétienne. Textes traduits et présentés par Michel Trouvé et Pierre Dumoulin. Châteaudun: Éditions des Béatitudes, 2014. 359 p.

BINGEN, Hildegarda de. **Scivias (Scito vias Domini)**: conhece os caminhos do Senhor. Tradução de Hildegard of Bingen: Scivias. Traduzido por Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2015.





BINGEN, Hildegarda de. **Le livre des oeuvres divines**: visions. Présenté et traduit par Bernard Gorceix. Paris: Alban Michel, 2011 (1ère édition 1982).

BINGEN, Hildegarda de. **Les causes et les remèdes**. Texte traduit du latin et présenté Pierre Monat. Grenoble: Jérôme Millon, 2019 (1ère édition 2011).

BINGEN, Hildegarda de. **Physica**: le livre des subtilités des créatures divines. Texte traduit du latin, préfacé et annoté par Pierre Monat. Présenté par Claude Mettra. Grenoble: Jérôme Millon, 2011.

CIRLOT, Victória. **Hildegarda Von Bingen y la tradición visionária de Occidente**. 3.ed. Barcelona: Herder Editorial, S. L., 2012.

DRONKE, Peter. **Las escritoras de la Edad Media**. Barcelona: Crítica. 1995.

FRABOSCHI, Azucena. **Santa Hildegarda de Bingen, doctora de la Iglesia**. Buenos Aires: Mino y Dávila, 2012.

GAFFIOT, F. **Dictionnaire latin-français**. Paris: Hachette, 1934. Disponível em: <<https://www.lexilogos.com/latin/gaffiot.php?q=viriditas>>. Acesso em: 12 fev. 2024.

GORCEIX, Bernard. Présentation. In: BINGEN, Hildegarda de. **Le livre des oeuvres divines**. Paris: Alban Michel, 2011. p. 9-110.

JONES, Jeannette. A Theological interpretation of viriditas in Hildegard of Bingen and Gregory the Great. **Portfolio**. Boston: Boston University, 2012, p.1-13.

MARTINS, Maria Cristina da Silva; EGGERT, Edla. Hildegarda de Bingen. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 7, N. 3, 2022, p. 14-34 Acessível em:

<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/filosofas/hildegarda-de-bingen/>

ISSN: 2526-6187





MARTINS, Maria Cristina. A Polímata Hildegarda de Bingen. In: Deplagne, Luciana Calado; Assis, Roberto de. (Org.). **Tradução, transculturalidade e ensino: de Christine de Pizan à contemporaneidade**. 1 ed. João Pessoa: Editora do CCTA - UFPB, 2022, v. 1, p. 63-77.

MARTINS, Maria Cristina. O Livro de Plantas de Hildegarda de Bingen. **Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, v. 10, p. 26-49, 2022.

MARTINS, M. Cristina. Physica: uma das obras científicas de Hildegarda de Bingen. **Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, v. 8, p. 3-18, 2020. Acessível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/issue/view/1447/Vol.%208%2C%20n.%201>

MARTINS, M. Cristina. Hildegarda de Bingen: Physica e Causae et Curae. **Cadernos de Tradução** (Porto Alegre), v. 1, p. 163-176, 2019. Acessível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/98507>

MIGNE, J. P. (ed.). **Sanctae Hildegardis abbatissae opera omnia**. Patrologiae Cursus Completus. Series Latina, v. 197, col. 1117-1352, 1855. Paris.

MOULINIER, L. (Ed.). **Beate Hildegardis Cause et cure**. Vol. 1. Berlim: Akademie Verlag GmbH, 2003.

NEWMAN, B. Introdução. In: BINGEN, Hildegarda de. **Scivias (Scito vias Domini)**: conhece os caminhos do Senhor. Tradução de Hildegard of Bingen: Scivias. Traduzido por Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2015.

PAZ, X. C. S. Introducción. In: BINGEN, Hildegarda de. **O desfile das virtudes (Ordo virtutum)**. Coruña: Departamento de Filoloxías Francesa e Galego-Portuguesa da Universidade da Coruña, 1999. p. 11-68.

SCHUBACK, M. S. C. Phytophonies. Prefácio. In: MARDER, M. **Green Mass: The Ecological Theology of St. Hildegard of Bingen**. Stanford, California: Stanford University Press, 2021.

STREHLOW, W. **Hildegard of Bingen's Spiritual Remedies**. Rochester: Healing Arts Press, 2002. 272 p.





VANNIER, Marie-Anne. **Les visions d’Hildegarde de Bingen**: dans Le livre de oeuvres divines. Paris: Alban Michel, 2015.

